

EDITORIAL

Enio Paulo Giachini

O presente número da Revista Scintilla teve a intenção de trazer algumas reflexões sobre ou a partir do pensamento judaico medieval. Infelizmente, poucas contribuições conseguimos, creio que em razão do pouco incentivo que temos em nosso meio para o estudo de tema tão importante para a medievalidade.

Gad Freudenthal nos enviou um artigo sobre a filosofia da ciência de Maimônides. Sua intenção [de Maimônides] primeira é reunir ou acomodar dois corpos de pensamento, que no início não tinham relação alguma: a revelação e a tradição judaicas, transmitidas em um corpo de textos autoritativos e no pensamento racional greco-arábico, sistematizado pelos grandes representantes do aristotelismo árabe. O autor reflete sobre os limites da verdade científica, de um lado, e a verdade da Escritura, de outro. Definindo cuidadosamente esses limites, Maimônides acreditava que seria capaz de mostrar que, se as pretensões de conhecimento feitas dentro de cada uma das tradições forem interpretadas corretamente, pode-se evitar que entrem em conflito.

O professor Nachman Falbel nos presenteia com uma visão sucinta de três textos clássicos da literatura mística judaica, que representam diferentes momentos ou fases no desenvolvimento dessa corrente de pensamento e da criatividade judaica através dos tempos. Para uma melhor compreensão da obra, devemos considerar que o *Sefer Yetzirá* está vinculado a uma fase inicial da mística judaica. O segundo livro, o *Sefer Ha-Bahir*, representa uma fase de passagem e intermediária, enquanto o *Zohar* se configura como uma obra abrangente e de pleno amadurecimento do pensamento cabalístico medieval, o que o privilegia como fundamento e base para o estudo e conhecimento profundo dessa corrente da criatividade judaica e seu desenvolvimento posterior.

O professor Carlos A. do Nascimento traduziu e fez a apresentação de um texto inédito de Tomás de Aquino, que finalmente disponibilizamos sobre *As razões da fé* ou, *As razões da fé, contra os sarracenos, gregos e armênios, para um cantor antioqueno*. Este texto procura responder objeções, na verdade zombarias (*irrisiones*), contra a fé cristã, dos sarracenos (*muçulmanos*), gregos, armênios e ainda outros grupos étnicos. As objeções em questão são diversificadas. Os sarracenos questionam a trindade, a encarnação e a redenção, bem como a eucaristia. Os gregos e armênios não aceitam o purgatório. Finalmente, os outros grupos mencionados partilham a fé muçulmana e supõem que a presciência divina impõe necessidade ao comportamento humano, eliminando, portanto, a liberdade, o mérito e o demérito.

Na sequência, o texto do Professor Jacob H. J. Schneider reflete, a partir do livro *Convívio* de Dante, o qual, através de seu autocomentário de suas *Canções*, dá claramente uma nova perspectiva à filosofia escolástica. A “nova vida”, ou seja, a nova orientação no movimento intelectual na Idade Média tem por resultado a crescente autoconsciência do autor e a autonomia da filosofia fora da sua síntese teológica. Através da pergunta “se é permitido falar de si”, Dante esclarece este relacionamento entre poesia e filosofia. Evidentemente não é permitido falar de si na filosofia realizada nas universidades medievais, que têm regras determinadas na forma das *quaestiones disputatae*. Dante aceita essas regras, exceto o princípio do anonimato, a saber, que a opinião de um autor não importa; o que importa é a verdade do que é dito. Mas no caso de Dante é permitido falar de si, por dois motivos: ensino dos outros (Agostinho) e se defender contra infâmia (Boécio). O autor, baseado em seu foco, defende que *todos os homens* desejam por natureza sabedoria, e não faz diferença entre *literati* e *illiterati*. Todos os homens são convidados à mesa divina da filosofia, pois a esta é a última perfeição da nossa alma.

A revista tem como política sempre abrir espaço para o pensamento franciscano. Modestamente, vez por outra, apresentamos algum novo estudo ou provocação para o debate do tema. Dessa vez, foca-se no tema de Santa Clara. Esse texto apresenta as três atitudes daquele que

deseja seguir Cristo, como Clara: a de ser mãe, irmã/filha e esposa de Jesus. O segundo convite, o de ser irmã/filha, é uma opção de Deus por cada pessoa. A partir do sacrifício de Cristo podemos ser considerados filhos adotivos de Deus, e, por isso, irmãos uns dos outros. O último convite de união com Cristo é a nupcialidade, esta é uma escolha que depende de ambos os lados. Clara faz um convite para que através de sua vida Inês demonstre o amor que tem por Cristo, e então, no fim da vida, ela será escolhida para participar do Banquete celestial.

O texto traduzido deste número traz mais uma reflexão de Tomás de Aquino, a questão 57 do livro I da Suma Teológica. Ali o Aquinate analisa a distinção das virtudes, primeiramente, quanto às virtudes intelectuais; em segundo lugar às morais, em terceiro às teológicas. Sobre a primeira, seis são as questões: 1. se os hábitos intelectuais especulativos são virtudes; 2. se são três, isto é, sabedoria, ciência e intelecto; 3. se o hábito intelectual que é arte é virtude; 4. se a prudência é uma virtude diferente da arte; 5. se a prudência é virtude necessária ao ser humano; 6. se a eubulia, a sínese e a gnome são virtudes que se agregam à prudência.

Boa leitura a todos.